

CC (IM) JOSÉ FERREIRA DE ASSIS

A TEORIA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA DE MACKINDER VALIDADA
PELAS AÇÕES E ACONTECIMENTOS ENVOLVENDO A RÚSSIA NA
ATUALIDADE.

Monografia apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para a conclusão
do Curso de Estado-Maior para Oficiais
Superiores.

Orientador: Professor Renato Petrocchi

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2008

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (IM) JOSÉ FERREIRA DE ASSIS

A TEORIA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA DE MACKINDER VALIDADA
PELAS AÇÕES E ACONTECIMENTOS ENVOLVENDO A RÚSSIA NA
ATUALIDADE.

Rio de Janeiro

2008

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	BREVE HISTÓRICO ACERCA DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS – RATZEL A HAUSHOFER	4
3	A TEORIA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA DE MACKINDER	7
4	AÇÕES E ACONTECIMENTOS COM RELEVÂNCIA GEOPOLÍTICA NA RÚSSIA NA ATUALIDADE.....	10
5	AÇÕES E ACONTECIMENTOS GEOPOLÍTICOS NA RÚSSIA NA ATUALIDADE QUE VALIDAM A TEORIA CLÁSSICA DE MACKINDER ..	15
6	CONCLUSÃO.....	17
	REFERÊNCIAS	19
	ANEXO A – Figura 1.....	22
	ANEXO B – Figura 2	23
	ANEXO C – Figura 3	24

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O mundo segundo Mackinder (1904).....	22
Figura 2 – O mundo de Mackinder (1943).....	23
Figura 3 – Mapa político da Ásia	24

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a humanidade, desde os seus primórdios, teve para o solo, mar e para o ar (estrutura geográfica) diferentes e distintos significados e importância, nos mais variados locais em que se encontravam. Assim, surgiram interesses também diversos e distintos, que muitas vezes eram antagônicos e conflitantes, levando os Estados a utilizarem da força para defesa de seus respectivos interesses.

A fim de analisar a correlação dessas forças no âmbito territorial, com ênfase no espaço mundial em que os Estados ocupavam e atuavam, surgiram diversas teorias geopolíticas, onde podemos destacar as clássicas – que foram, em geral, explicações acerca da importância estratégica de determinados territórios, da necessidade de expansão territorial ou controle de espaços, compreendendo rotas marítimas ou áreas geoestratégicas, tudo como forma de fortalecimento do Estado e de aquisição de hegemonia.

Dentre essas teorias clássicas destacamos a de Mackinder, que tratou da geopolítica e geoestratégia do poder terrestre, sendo amplamente estudada e tendo influenciado as políticas de Estados poderosos em diversas épocas, como por exemplo da Rússia (denominação atual deste Estado). Neste contexto, tem o presente trabalho o propósito de responder à questão que se apresenta, qual seja, se as ações e acontecimentos na Rússia na atualidade validam a teoria geopolítica clássica de Mackinder.

Será, inicialmente, apresentado um breve histórico acerca das teorias geopolíticas clássicas principais; a seguir serão enfatizadas a teoria clássica de Mackinder, objeto principal da análise, e as ações e acontecimentos com relevância geopolítica na Rússia na atualidade e, por fim, apresentadas as ações e acontecimentos geopolíticos na Rússia que efetivamente validam a teoria do referido geopolítico na atualidade.

2 BREVE HISTÓRICO ACERCA DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS – DE RATZEL A HAUSHOFER

A Geopolítica, antes de ter o seu termo reconhecido como um campo de estudos distinto, foi objeto de atenção por vários filósofos e sábios de diversas épocas e nacionalidades (como por exemplo na antiguidade¹ e na Idade Média²) que discorreram sobre a influência da geografia na ação do homem sobre a terra e teve, como cenário, desde o seu nascimento, disputas territoriais e de utilização constante da força para o fortalecimento do Estado, ensejando uma análise consubstanciada da correlação de forças para adoção de políticas adequadas.

Também encontramos contribuições valiosas ao encaminhamento da reflexão normativa sobre essa correlação dos dois fatores (Estado-meio físico) na obras de Emmanuel Kant, Montesquieu e Hegel. Todas essas (dentre outras) idéias e manifestações de Estadistas, políticos, historiadores e outros detentores de poder e conhecimento, vieram ordenando uma reflexão normativa sobre a relação política-geográfica, levando ao surgimento, no campo das ciências, da geografia humana (ou Antropografia), da Geografia política e, finalmente, da Geopolítica (MATTOS, 2002).

Na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX ocorreu o grande progresso nos estudos das ciências sociais e da ciência geográfica. Nesse período nasceu oficialmente, com o jurista sueco Juan Rudolph Kjellén (1864-1922), a geopolítica – que pela primeira vez teve esse termo empregado num ensaio denominado “As grandes potências”, publicado em 1905 numa revista sueca, onde a geopolítica foi colocada como a “análise do Estado que apropria e controla o espaço geográfico” (VESENTINI, 2000).

As bases dessa nova disciplina foram reafirmadas onze anos mais tarde no seu livro “O Estado como forma de vida”, editado em 1916 na Suécia, inspirado na obra “Politische Geographie”, de 1897, daquele que é considerado o grande precursor da Geopolítica, o geógrafo Friedrich Ratzel³ (1844-1904) - que teve grande influência da teoria evolucionista de Darwin⁴.

¹ Na antiguidade, tivemos o historiador grego Heródoto que discorreu sobre a influência do clima e da natureza do solo no progresso de determinados grupos humanos; estudiosos da sociedade política como Hipócrates que destacaram a importância do ar, da água e da posição geográfica sobre a atividade do homem; Platão e Aristóteles, que indicaram as vantagens e desvantagens das populações quando localizadas em áreas litorâneas ou interioranas; Estrabão, que enfatizou a posição geográfica da Itália como fator importante para o sucesso do império romano (Cf. MATTOS, 2002, p. 17-18).

² Na Idade Média tivemos o geógrafo Jean Bodin com a tentativa pré-científica de ordenação do pensamento geográfico-político, com a valorização da relação Estado-meio físico. (Cf. MATTOS, 2002, p. 17-18).

³ O trabalho de Ratzel está também associado às concepções evolucionistas e biológicas do Estado e da sociedade que progressivamente se difundiram pelo campo das Ciências Sociais, após a publicação por Charles Darwin de *On the*

Kjellén tinha como preocupação fundamental o poderio mundial, assim, definiu a geopolítica como “a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico”.

De acordo com o comentário de Azevedo:

Comparando o Estado com um ser vivo, Kjellén multiplicou-se numa série de analogias: o território será o corpo, a capital representaria o coração e os pulmões, as vias de transporte corresponderiam às artérias e às veias, os centros de produção seriam as mãos e os pés. Segundo ele, o verdadeiro poderio do Estado resulta da existência de três condições essenciais: a) grande espaço; b) ampla liberdade de movimentos; c) perfeita coesão interna (AZEVEDO, 1955, p. 45).

O lugar da geopolítica foi enfatizado como a interseção entre a ciência política, a geografia política, a estratégia militar e a teoria jurídica do Estado, dando-lhe uma abordagem política, diferenciando da abordagem de Ratzel, que era geográfica e enfatizava que a geografia política interpretava o Estado pela visão dos seus recursos naturais – “relações homem/natureza”. (VESENTINI, 2000).

Ao final do século XIX, período em que os Estados priorizavam e buscavam incessantemente a obtenção de poder, com uma política imperialista e de expansão territorial, surgiu o primeiro conceito estratégico de projeção mundial com base na questão do mar. Coube ao almirante norte-americano Alfred Thayer Mahan (1840-1914) o pioneirismo na teoria do poder marítimo.

Apesar dos vários escritos sobre o assunto, antes mesmo de Kjellén ter apresentado o seu trabalho, foi efetivamente com a publicação em 1890 da obra “A influência do poder marítimo sobre a história”⁵, que tornou-se muito conhecido como um grande estrategista naval e geopolítico clássico, passando-se a ser amplamente conhecido e discutido o que denominou de “poder marítimo” (Sea Power). Sua tese do poder marítimo tornou-se um norteador dos partidários dessa política expansionista dos Estados Unidos da América (EUA) (TOSTA, 1984).

Halford John Mackinder (1861-1947) foi um destacado geógrafo inglês, que procurava nos mapas a explicação dos acontecimentos políticos internacionais. Possuía conhecimentos sólidos de geografia, história e de política. Tinha uma visão global do mundo, onde havia uma visível

Origin of Species by means of Natural Selection or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life («A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural ou a Preservação das Espécies mais favorecidas na Luta pela Vida», 1859) (http://www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica.pdf).

⁴ Charles Robert Darwin (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin)

⁵ Tese do poder marítimo, exposta, em “The influence of sea Power upon history”, 1660-1782 (1890)(TOSTA, 1984, p. 38).

interdependência nos acontecimentos físicos, econômicos ou militares que acontecem na superfície do globo terrestre, que demonstrava que tratava-se de um sistema fechado, assim, cada choque ou cada desastre nas mais remotas regiões teriam repercussão em regiões opostas e delas poderiam voltar aos pontos de origem.

Hierarquizou o espaço geográfico, criando ilhas de importância estratégica com o sentido de domínio. Criou os conceitos de Ilha Mundial⁶, *Heartland*⁷, Mundo insular, Mundo continental e *Midland Ocean*.

O foco de suas concepções estavam no antagonismo histórico existente entre o poder marítimo e o poder terrestre, onde claramente demonstrava sua preocupação com a inevitável decadência do poder marítimo da Inglaterra (TOSTA, 1984).

Karl E. Nikolaus Haushofer (1869-1946) nasceu em Munique, foi Major-General do Exército alemão e professor de geografia e geopolítica na Universidade de Munique. Na verdade foi quem popularizou a geopolítica (fazendo largo uso dos conceitos de Kjellén e das idéias de Mackinder, adaptando-as para um prisma alemão), quando organizou e publicou a celebre revista de geopolítica “*Zeitschrift für Geopolitik*”⁸ (que contou com a colaboração de militares, geógrafos, cientistas políticos, historiadores e economistas de renome). Traçou uma ordem mundial ideal (preservando os EUA), onde haveria uma zona de influência e aliança entre a Alemanha, Rússia, e Japão, logicamente contra a Inglaterra, França e China. ((VESENTINI, 2000).

Seus estudos foram focados em 5 partes principais: 1) Autarquia (o ideal de auto-suficiência nacional no sentido econômico); 2) Espaço vital (*Lebensraum*) – direito que uma nação tem de ampliar o espaço para sua população, levando em conta todos os recursos naturais e humanos nele encontrados; 3) Pan-Regiões – áreas supercontinentais que permitiram a realização do ideal de autarquia; 4) Poder Terrestre versus Poder Marítimo – inspirado nas concepções de Mackinder. No aspecto global do mundo a Eurásia-África é a principal ilha mundial, podendo ser considerada a mais poderosa de todas as combinações terrestres. No seu entorno desenvolvem-se os demais continentes formados por ilhas menores. Verificou que a Alemanha era potência terrestre e tinha fácil acesso ao mar enquanto a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) não, assim, se dominassem a *Heartland* com a URSS, depois o “Crescente Interior” e depois o

⁶A *World Island* é outro conceito mackinderiano, que rejeita a idéia tradicional de que possam existir quatro oceanos e seis continentes. Segundo a idéia de Mackinder, existia na verdade só um grande oceano, cujas águas recobririam três quartos da totalidade do globo. A isso o geógrafo inglês chamou de *World Island* (Ilha Mundial) (<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rsp/article/viewFile/3566/2823>).

⁷Terra-coração de Mackinder, correspondente ao que chamamos hoje de Europa Oriental (Cf. VESENTINI, 2000, p. 19)

⁸ Tradução: “Revista de Geopolítica”

“Crescente Exterior”, então conquistariam o mundo; e 5) Fronteiras – é um campo de batalha. A expressão das condições do poder político em um momento considerado. Ainda, conforme propagavam os discípulos de Haushofer, as fronteiras alemãs, de antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), estavam traçadas de acordo com princípios “justos”, “naturais”, “nacionais” e “históricos”. (TOSTA, 1984).

Deixou como grande contribuição para a Geopolítica a Teoria das Pan-Regiões, onde dividia-se o mundo em quatro grandes regiões: a Eurásia, liderada pela Alemanha, a Pan-América, sob liderança dos EUA, a Pan-Rússia liderada pela grande nação do *Heartland*, e a Pan-Ásia que seria liderada pelos Japoneses. Esses Estados-Líderes dominariam os Estados dependentes do sul, classificados apenas como fornecedores de matéria-prima.

Em suma, observou-se que a geopolítica teve, como cenário, desde o seu nascimento, disputas territoriais e de utilização constante da força para o fortalecimento do Estado. A fim de analisar essa correlação de forças e permitir a adoção de políticas mais adequadas para cada área geográfica e de interesses, surgiu, desde os primórdios da civilização a preocupação de sábios, filósofos, historiadores, Estadistas, políticos, enfim, a todos os detentores de conhecimento e poder em identificar a melhor forma de utilização do espaço geográfico em que os povos estavam inseridos para atender satisfatoriamente os seus interesses, nesse contexto, vieram ordenando uma vasta reflexão normativa sobre a relação política-geográfica, levando, finalmente, ao surgimento, no campo das ciências, da geopolítica.

Diversos foram os autores com suas mais variadas teorias sobre essa nova disciplina, formando as correntes do poder terrestre (tendo Mackinder como principal autor) e do poder marítimo (do Almirante Mahan), teorias que se tornaram clássicas e estudadas e seguidas por muitos estudiosos do assunto e utilizadas por muitos Estados na consecução de suas políticas.

3 A TEORIA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA DE MACKINDER

As concepções geopolíticas e geoestratégicas de Mackinder são consideradas o grande marco teórico da geopolítica clássica. Seus trabalhos partiram da percepção de que a hegemonia do poder marítimo britânico estava em decadência e que seria suplantado pelo poder terrestre de potências marinhas futuras, conceitos estes que foram reproduzidos por praticamente todos os

demais geopolíticos que apareceram (como por exemplo Nicholas Spykman⁹, Zbigniew Brzezinski¹⁰, etc). Foi o grande formulador da teoria geopolítica e geoestratégica do poder terrestre. Teoria essa que postulava essencialmente a concorrência que aconteceria entre as grandes potências pela hegemonia mundial. Em suma, seria a rivalidade entre o poder marítimo (formulado pelo Alte Mahan¹¹) e o poder terrestre.

Sua teoria fundamentou-se na concepção de que o mundo passou a ser um sistema fechado - onde qualquer evento ocorrido em determinado ponto poderia provocar repercussões e desdobramentos (políticos, diplomáticos, econômicos, militares, etc) em qualquer parte do planeta - e na observação de que 75% do planeta são constituídos de água e apenas 25% de terras emersas (onde vivem os povos e existem os Estados), onde menos de 20% dessas terras concentram-se na Europa, Ásia e África, que recebeu o nome de “Ilha Mundial” ou “Ilha do Mundo” (onde vive a maior parte da população do mundo e onde os fatos mais importantes da história ocorreram), que por sua vez concentram o maior percentual de poder da terra. As demais terras emersas foram por ele chamadas de “Ilhas do Exterior” (Américas e Austrália) (TOSTA, 1984).

No seu notável trabalho “O pivô geográfico da História” (1904), caracteriza-se como *área pivô* uma área básica central, que ficaria dentro da “Ilha Mundial” (*World Island*), localizada em parte da Europa e parte da Ásia). E na região central dessa área pivô ficaria o *Heartland*, ou seja, a terra-coração (onde a Rússia é a maior parte), que concentrava o poder geoestratégico do mundo – correspondente à Europa Oriental de hoje.

A hegemonia mundial estaria nas mãos de quem possuísse essa região (também chamada de Eurásia¹²), cuja importância principal estaria na combinação de três características: 1) a

⁹ Nicholas Spykman (1893 – 1943) foi um Geopolítico e Geoestrategista Estadunidense de origem Holandesa, conhecido como o “Pai da Estratégia de Contenção”. Como Cientista Político ele foi um dos fundadores da corrente clássica de pensamento Realista na política exterior norte-americana, trazendo o pensamento político da Europa Oriental para os Estados Unidos. Spykman faleceu devido a um câncer, aos 49 anos de idade. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Nicholas_J._Spykman)

¹⁰ Zbigniew Kazimierz Brzezinski (Nascido em Varsóvia, Polônia, 28 de Março de 1928) é um cientista político, geopolítico e estadista estadunidense, de origem polonesa. Brzezinski serviu como Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América durante a presidência de Jimmy Carter, entre 1977 e 1981. Conhecido por sua posição intervencionista (“hawkish”) em política externa, em uma época na qual o Partido Democrata tendia de modo crescente ao isolacionismo (“dovish”), sua política externa realista é considerada por alguns como a resposta Democrata ao realismo de Henry Kissinger, do Partido Republicano. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Zbigniew_Brzezinski)

¹¹ Alfred Thayer Mahan (1840 -1914) Almirante da marinha dos Estados Unidos da América que se notabilizou como geoestratega e como educador em assuntos navais. Suas ideias se tornaram clássicas e influenciaram e influenciam até hoje as marinhas de todo o mundo. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Thayer_Mahan).

¹² O Velho Mundo ou Afro-Eurásia é a região da Terra que é formada por três continentes: Europa, África e Ásia. Possui mais de 84 milhões de km² e cerca 5,5 bilhões de habitantes - 85% da população mundial. Encontra-se tipicamente dividida pelos mares Mediterrâneo e Vermelho nos continentes África e Eurásia, sendo este último dividido por razões históricas em Europa e Ásia. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica-Eurasia>).

existência de uma parte importante da maior planície do mundo, que ofereceria as condições necessárias e facilitaria a mobilidade de povos e guerreiros; 2) a existência dos maiores rios do mundo, que propiciariam as condições necessárias para o desenvolvimento dos pares; e 3) a natureza que dificultava a incursão de marinhas. Considerava que quem dominasse essa parte da Europa Oriental (*Heartland*) teria o controle da área pivô (coração continental); quem dominasse a área pivô controlaria a “ilha mundial” e quem controlasse a “ilha mundial” dominaria o mundo (FIG. 1). (VESENTINI, 2000).

Ainda, segundo Mackinder, quem explorasse e, por conseguinte, controlasse os imensos recursos daquela região (a região pivô – Pivot Área – entrincheirada no Velho Continente) teria um inestimável poder terrestre, podendo resistir ao poder marítimo, que possuía um raio de ação limitado às ilhas próximas e regiões costeiras da Eurásia.

Caso o poder terrestre pudesse obter uma frente oceânica isso lhe possibilitaria possuir um forte poder marítimo e esse novo poder anfíbio (sem igual no continente eurasiático) seria suficiente para concorrer com o poder marítimo vigente (à época o inglês) – o que poderia vir a acontecer caso a Alemanha, o mais poderoso Estado Continental à época, se aliasse à Rússia que controlava a região-pivô (MELLO, 1999).

Durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), precisamente em 1943, Mackinder realizou um último balanço de sua teoria do poder terrestre publicando o artigo “The round world and the winning of the peace”¹³, acrescentando novas contribuições à teoria do *Heartland* (alterando-a ou corrigindo-a - como a alteração de sua área, que foi reduzida de 23 milhões de km² para 13 milhões de km²), como por exemplo um novo conceito: o *Midland Ocean* – o Atlântico Norte, com seus mares subsidiários (Caribe, Báltico e Mediterrâneo), suas áreas insulares (Inglaterra, Islândia e Groelândia) e suas regiões marginais (Europa Ocidental e leste da América do Norte). Em resumo, seria composto por três elementos: 1) uma cabeça de ponte, na França; 2) um aeródromo protegido por fossos (os mares e canais circundantes), na Inglaterra; e 3) uma reserva de forças bem adestradas e de recursos agrícolas e industriais, no leste dos EUA e Canadá (FIG. 2).

Sua concepção teórica acerca do *Midland Ocean* antecipou dois grandes eventos que afetariam sobremaneira o cenário mundial. O primeiro, foi o desembarque das forças aliadas ocidentais na Normandia, no ano de 1944, onde verificou-se, próximo da realidade, estratégias

¹³Tradução: “O Mundo Redondo e a Conquista da Paz”

contidas no conceito: “arregimentação de recursos materiais e humanos nos EUA/Canadá, concentração deles na Inglaterra e, finalmente, seu desembarque na França”. O segundo, foi o advento da Guerra Fria (1947-1989), ocorrido após a morte de Mackinder em 1947, que dividiu o hemisfério norte e estruturou os blocos de poder em dois grandes eixos: o *Midland Ocean* e o *Heartland* (onde geopoliticamente e estrategicamente assumiu a forma de enfrentamento), que com os adventos políticos que se seguiram (criação da OTAN e do Pacto de Varsóvia, por exemplo), possibilitaram à URSS controlar por completo o *Heartland* eurasiático. (MELLO, 1999).

Complementando, conforme expressou Mackinder¹⁴:

“Consideradas todas as coisas, é inevitável a conclusão de que a União Soviética, se emerge desta guerra como conquistadora da Alemanha, deve ser classificada como a primeira potência do globo. Será, ademais, a potência colocada estrategicamente na posição mais vantajosa do ponto de vista defensivo. O Heartland é a maior fortaleza natural do planeta. Pela primeira vez na história está guarnecido por uma força suficiente tanto em número como em qualidade” (1962, *apud* MELLO, 1999, p. 63).

Em síntese, as concepções teóricas de Mackinder são consideradas o grande marco teórico da geopolítica clássica e a grande formuladora da teoria geopolítica e geoestratégica do poder terrestre e, por assim ser, firmou-se como o caminho e o embasamento teórico para a hegemonia do poder terrestre. Constituem poderosa ferramenta de análise da política do poder dos Estados, que compõem um complexo sistema internacional (constantemente se apresentando anárquico, hierárquico e oligopolístico – pela própria característica hobbesiana que acompanha as relações entre as grandes potências¹⁵). Foram amplamente estudados e reproduzidos pela maioria dos demais geopolíticos que surgiram, além de ter fortemente influenciado a formulação de políticas de Estado, como por exemplo a de alianças e de contenção pelos Estados poderosos que se firmaram.

4 AÇÕES E ACONTECIMENTOS COM RELEVÂNCIA GEOPOLÍTICA NA RÚSSIA NA ATUALIDADE

Quando da dissolução da URSS, existia duas opções geopolíticas na Rússia: 1) os internacionalistas liberais, também chamados de ocidentalizadores, e 2) os

¹⁴ Mackinder, Halford J. “The Round World and the Winning of the Peace”. In: *Democratic Ideals and Reality* (with additional papers). Nova York: The Norton Library, 1962, p. 272-3.

¹⁵ “A anarquia internacional e o “estado de natureza” hobbesiano, que caracterizavam as relações entre as grandes potências, prenunciavam o conflito generalizado que implodiria o concerto europeu em 1914”. (Mello, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?* São Paulo – SP: Hucitec; Edusp, 1999, p. 30).

eurasianistas, que comungavam linhas ideológicas nacionalistas e patrióticas (SANTOS, 2007)¹⁶.

Quando Putin¹⁷ assumiu o poder no final de 1999, num primeiro momento como primeiro-ministro e a seguir como Presidente (um homem vindo do sistema, pois integrara os serviços de inteligência – ex-KGB), encontrou uma Rússia profundamente desestabilizada, o Estado estava enfraquecido em suas funções exclusivas típicas, não tendo nem o controle sobre a sua principal fonte de renda: as receitas com matérias-primas, etc. A administração encontrava-se envolta em práticas de corrupção generalizada e nepotismo. No campo externo, os EUA e seus aliados europeus ampliavam cada vez mais sua influência nas áreas que antes eram predominantemente de influência russa (principalmente nas ex-repúblicas da URSS), ampliando a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), incluindo, como exemplo, a Polônia, República Tcheca e Hungria, instituindo corredores energéticos alternativos às redes russas, instalando bases militares para os escudos antimísseis na região¹⁸, apoiando movimentos em áreas separatistas e reforçando uma imagem negativa da Rússia na região.

Mas traumatizada pela sucessão de crises após os anos 90, que levou o país ao enfraquecimento no cenário internacional, o governo Putin dá um novo impulso na política interna, retomando o controle da receita advinda das matérias-primas, reorganizando o campo institucional russo nas regiões, reconstruindo a indústria russa (nos setores estratégicos de armamentos às novas tecnologias e dos combustíveis à energia nuclear) e constituindo uma maioria política estável, obtendo amplo apoio da opinião pública.(RADVANYI, 2007)¹⁹

Verificou-se que a Rússia adotou a opção geopolítica do segundo grupo e voltou disposta a ocupar o seu lugar na geopolítica mundial, conforme expõe Mattos:

A Federação Russa, núcleo de poder de Moscou que resistiu ao processo de desagregação da União Soviética, está se reestruturando a fim de vir a ocupar o seu lugar no cenário estratégico mundial. Após dez anos de instabilidade política e econômica, agora, sob a liderança do Presidente Putin, a Federação Russa anuncia sua nova estratégia: a criação de um centro de poder eurasiático. Isto implica, sem abandonar a sua doutrina geopolítica de Poder Terrestre de Mackinder, a formulação de uma nova estratégia que pretende deslocar a “área pivô”, predominantemente européia, para uma posição mais a leste, abrangendo maior faixa de território centro-asiático.(MATTOS, 2002, p.28).

¹⁶ http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html

¹⁷ Vladimir Putin – Ex-Coronel da KGB (Comitê da Segurança do Estado) – eleito presidente da Rússia em 1999 e reeleito em 2003 (<http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>).

¹⁸ Os Estados Unidos reforçaram a cooperação militar com esses três países, principalmente a Geórgia. As autoridades de Tbilisi anunciaram que estão dispostas a instalar em seu território elementos do “escudo antimísseis” norte-americano, provocando a cólera de Moscou, que, por sua vez, tem ainda na região três bases militares russas: na Armênia, a de Gumri; na Geórgia, as de Batoumi e Akhalkalaki, em fase de esvaziamento; mais um importante sistema de radares em Gabala, no Azerbaijão (http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html).

¹⁹ <http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>

Volta-se para as suas origens grão-russas com base no expansionismo, com uma visão dominada pelo imperialismo nos moldes do século XIX (posicionamento que o Velho Mundo abandonou). Reativa o seu potencial estratégico, onde denota-se claramente uma atitude do atual governo (Putin) em relação ao ocidente em resposta às humilhações impostas ao seu país desde o fim da Guerra Fria (1989), como por exemplo com a expansão da OTAN²⁰ e da UE na esfera tradicionalmente de influência russa (MIGUEL, 2007)²¹.

A Rússia, sabedora da forte dependência energética de vários países da União Européia, mostrando a forte vulnerabilidade existente, e considerando suas grandes reservas energéticas estratégicas, começa a tirar proveito da situação, criando uma nova teia de influências e até de dependências.

Vários episódios reforçam esta estratégia seguida por Moscou, como as disputas diplomáticas sobre Kosovo, Ucrânia, Geórgia (considerada a chave do Cáucaso meridional) e Estônia; a disputa territorial envolvendo a plataforma continental na região do Ártico (visando suas riquezas naturais), rivalizando com os EUA, Canadá, Noruega e Dinamarca, que também têm interesses na região²²; a nítida intenção da Rússia de isolar a Ucrânia de alguns dos países que são abastecidos pelo gasoduto que atravessa o país, como por exemplo da República Tcheca e da Hungria, além de fazer gestões para que estes países utilizem outro gasoduto oriundo do Mar Negro, ligando a Rússia à Turquia, seguindo até o sul da Europa (Sul da Itália e Balcãs) e Israel; a formalização do acordo com a Bulgária e a Grécia para a construção de um oleoduto (Burgas-Alexandropolis (BAP)) que concorrerá com oleodutos de empresas ocidentais, sendo o primeiro duto que a Rússia controlará sobre território europeu. Em relação à Polônia, que é um forte aliado dos EUA e defensor da política implementada em relação ao Iraque e à instalação do escudo antimíssil (por onde também passa o gasoduto que abastece a Alemanha), a Rússia deu como resposta uma aliança com a Alemanha – forte dependente do gás russo e rival histórica da Polónia – acordando a construção de um novo gasoduto através do Báltico, que evitaria toda aquela região, paralelamente, para desgastar diretamente o poder dos aliados e indiretamente dos norte-americanos, implementa a construção de um gasoduto para a China, em vez do Japão, aliado estratégico dos Estados Unidos. Outra demonstração de influência tem sido o seu posicionamento favorável à causa palestina (contrário a Israel – também aliado estratégico dos EUA) e ao programa

²⁰Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Em 1991, imediatamente depois da dissolução da União Soviética, os Estados Unidos e a União Européia atribuíram-se a tarefa de “administrar” a desmontagem do “império russo”. Por causa das conseqüências econômicas da queda e do problema geopolítico da Europa Central. Para os Estados Unidos, o objetivo fundamental era impedir o surgimento de uma “terra de ninguém” no leste europeu. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/OTAN>).

²¹<http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>.

²² <http://aestrategia.com/content/view/29/1/>

nuclear iraniano (GENTÉ, 2007)²³

Não se pode esquecer da Tchetchênia, com seu alto valor estratégico (cuja guerra, transformou-se na maior fonte de ameaças à estabilidade e aos interesses petrolíferos ocidentais no Cáucaso). Situada no norte do Cáucaso e predominantemente islâmica, é um eixo fundamental de uma importante rede de oleodutos que liga a Sibéria, o Casaquistão, o Cáspio e Novorossiysk. Sua declaração unilateral de independência (1994) foi resolvida de forma dura por meio da força, principalmente pela posição estratégica (em relação aos oleodutos) e porque abriria antecedentes para outras repúblicas com predominância islâmica no norte do Cáucaso (Dagestão, Kabardin-Balkar, Tcherkessia, etc) (SANTOS, 2007)²⁴

Com isso, observa-se um movimento geopolítico neo-urasianista, com a associação à Alemanha, Índia, China e Irã, como forma de reduzir a influência estrangeira na região e ascender aos mares quentes, mais que caracterizando a sua política expansionista em direção ao “estrangeiro próximo” (“vizinhança próxima” ou mesmo “exterior próximo”)²⁵ e aos mares abertos (MELLO, 1999). Também como parte da sua estratégia baseada na teoria neo-urasianista, fazendo uso dos clássicos meios de mostrar a força, e que tem causado grande preocupação da Europa, foi a criação de uma força de reação rápida, como parte de um acordo de segurança coletiva entre Rússia, Armênia, Bielorrússia, Casaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão para a luta contra o terrorismo internacional, criada a Organização de Cooperação da Ásia Central, englobando a Rússia o Cazaquistão, Uzbequistão, o Quirguistão e Tadjiquistão que tem além de finalidades econômicas e político/militares, pretensões em fortalecer um mercado Comum da Ásia; e a Organização de Cooperação de Shangai – OCS ²⁶ (2001) ou “Cinco de Shangai” (1996) – para desmilitarizar a fronteira entre china e a ex-URSS. Em complemento, a Mongólia (em 2004), Irã, Paquistão e Índia (em 2005) ganharam o estatuto de observadores pela referida organização. Para complicar, impôs embargo comercial à Geórgia; recusou esporadicamente de fornecer petróleo à Lituânia, Letônia e Bielorrússia; cortou o fornecimento de gás à Ucrânia e à Moldávia; iniciou um conflito diplomático

²³<http://diplo.uol.com.br/2007-07,a1606>

²⁴O Eurasianismo: a “nova” Geopolítica russa. Eduardo Silvestre dos Santos - Jornal Defesa & Relações Internacionais (http://pt.altermedia.info/geral/o-urasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html)

²⁵A doutrina consensual da “vizinhança próxima” define que a Rússia quer manter um papel político, econômico e estratégico preponderante nas ex-repúblicas da URSS, legitimando uma intervenção militar, se necessário. (http://pt.altermedia.info/geral/o-urasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html).

²⁶Desde que a OCS adquiriu influência regional tem abordado assuntos como comércio, contra-terrorismo, e tráfico de droga. A organização, contrariamente à OTAN ainda não é um pacto de defesa mútua, irá realizar exercícios militares conjuntos no Tadjiquistão, assim como treinos anti-terroristas nos Urais russos em 2009. (<http://bolivarclub.blogspot.com/2008/02/o-regresso-da-russia-e-europa.html>).

com a Estônia, suspendendo o tráfego ferroviário e atacando os computadores governamentais; apóia movimentos separatistas na Geórgia, além de manter forças em território deste país e na Moldávia; e retirou-se do Tratado para as Forças Convencionais na Europa, ficando livre para colocar suas forças militares onde achar necessárias na sua fronteira ocidental (FIG. 3).

Ademais, não se pode esquecer de que a Rússia ainda detém o segundo maior arsenal atômico do mundo, e que continua investindo na modernização e em novas tecnologias para o seu arsenal militar, além disso, o governo Putin aprovou uma nova doutrina militar que autoriza o uso de armamento nuclear, mesmo no caso de um ataque convencional à Rússia, no caso em que fracassem outros meios para repelir o agressor ((SANTOS, 2007; MIGUEL, 2008)²⁷. Essa nova doutrina, formulada com base na instabilidade da política externa norte-americana e sua tendência de solucionar militarmente as questões mundiais, orienta que a Rússia assuma o discurso da importância da força militar no mundo pós- Guerra Fria, em face da possibilidade real de conflitos armados. Nesse sentido, vem sendo realizadas amplas manobras militares na Sibéria e Mandchuria, usando inclusive a força atômica. Além disso, estão testando nova classe de mísseis balísticos, com tecnologia muito avançada, capazes de comprometer seriamente o sistema “Escudo de Mísseis” criado pela defesa norte-americana. (TEIXEIRA, 2005)²⁸.

Alinhado com essa nova geopolítica e reforçando-a, foi fundado em maio de 2002, provavelmente com apoio do governo central, o Partido Eurasiano, por Dugin (principal conselheiro geopolítico russo)²⁹ – mentor e ideólogo do “Eurasianismo”³⁰. Adaptando as teorias de Mahan e Mackinder, defende uma luta pelo domínio internacional entre as potências terrestres (Rússia) e as potências marítimas (principalmente EUA e o Reino Unido), em resumo, a Rússia deve primar pelo seu caminho histórico e pela sua localização geográfica privilegiada, não abandonando a sua essência imperial (SANTOS, 2007)³¹.

Portanto, verifica-se que as ações e acontecimentos na Rússia na atualidade têm fortes componentes geopolíticos e ratificam a notória e inegável visão de que a Rússia tem novos rumos. Balizada no Eurasianismo e fazendo uso estratégico de suas vastas reservas energéticas (tudo

²⁷http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html - <http://dipl.uol.com.br/2007-12,a2064>.

²⁸ <http://www.cartamaior.com.br>

²⁹ Alexander Dugin é hoje considerado o principal geopolítico russo e conselheiro de assuntos internacionais de várias figuras proeminentes da Duma.(O Eurasianismo: a “nova” Geopolítica russa. Eduardo Silvestre dos Santos - Jornal Defesa & Relações Internacionais (http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html))

³⁰ Velha moldura ideológica, contrária ao “Atlantismo” (personificado no individualismo, liberalismo econômico e democracia protestante). Nacionalismo da Nação Eurasiana. (http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html).

³¹http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html

capitaneado por Putin), segue ampliando sua área de influência; avançando sobre a Ásia Central; promovendo e impondo alianças; mantendo suas antigas bases militares; fazendo uso ostensivamente de seu poderio militar e bélico (como forma de impor sua vontade), etc, reforçando, assim, suas características expansionistas e a sua intenção de readquirir seu lugar de destaque na geopolítica mundial.

5 AÇÕES E ACONTECIMENTOS GEOPOLÍTICOS NA RÚSSIA NA ATUALIDADE QUE VALIDAM A TEORIA CLÁSSICA DE MACKINDER

Após mais de 50 anos da morte de Mackinder, período em que ocorreram diversas e visíveis mudanças na ordem mundial, suas formulações teóricas sobre geopolíticas e geoestratégicas ainda continuam vivas e contribuindo de forma substancial para a análise das relações internacionais e da política de poder no mundo pós-Guerra Fria.

O pós-Guerra Fria trouxe diversas mudanças na ordem mundial, com as relações Internacionais tornando-se cada vez mais voláteis, assim no campo geopolítico e geoestratégico observa-se muitas ações e acontecimentos na Rússia que reforçam e ratificam que os caminhos seguidos por ela tem estreita ligação com as concepções teóricas clássicas do grande geopolítico Mackinder, o que as validam na atualidade.

Todas as mudanças no mundo, principalmente com o desenvolvimento de novas tecnologias (como por exemplo: de satélites, em microinformática, em microeletrônica, etc), proporcionaram uma maior aproximação entre os povos (onde as comunicações colocaram os acontecimentos “on line” nas diversas regiões), corroborando mais uma vez a concepção Mackinderiana de que o mundo cada vez mais é um sistema fechado, onde os acontecimentos em qualquer ponto terão imediatamente impacto nos demais (como o exemplo da globalização no campo econômico, tecnológico, militar, etc).

A base teórica de Mackinder era a existência de uma rivalidade histórica entre dois poderes antagônicos. De um lado o poder terrestre (sediado no coração da eurásia), representado pela Rússia (no seu isolamento geopolítico mediterrâneo), que operando a partir de suas linhas interiores, ia se expandindo e conquistando as regiões periféricas do Velho Mundo, a fim de conseguir saídas para os mares abertos (“águas quentes”). Do outro lado o poder marítimo, representado à época pela Inglaterra, que posicionando-se nas regiões marginais eurásianas ou ilhas adjacentes, controlava a linha circunferencial costeira e pressionava o poder terrestre fazendo com que ficasse contido no interior da Eurásia.

A seguir, verificou-se o surgimento de um novo poder marítimo, os EUA (substituindo

o anterior, que continuou sendo seu aliado histórico), a superpotência insular americana contra a continental soviética, que culminou na vitória do poder marítimo sobre o poder terrestre. (MELLO, 1999).

Nesse sentido, hoje, após o esfacelamento da URSS ocorrido com o fim da Guerra Fria (1989) (período em que a superpotência marítima controlou o Crescente Marginal e Insular da eurásia contra a terrestre que dominou a Área-Pivô do grande continente) (MELLO, 1999) e onde, por certo período, o poder marítimo reinou absoluto, observa-se o ressurgimento de uma Rússia forte, com posições geopolíticas e geoestratégicas bem definidas, voltadas para o eurasionismo - o poder terrestre, ratificando as concepções de Mackinder.

A assunção do governo por Putin, trouxe as reformas internas no campo político, econômico e na máquina pública (que ganhou o apoio e conseguiu unir o povo russo) que prepararam o caminho para que a Rússia alterasse o seu rumo, baseado nas idéias de Mackinder e adotando o Eurasianismo, focando a sua atenção para o sul e para o leste, criando um espaço eurasiático russo³².

Dessa forma, segue a Rússia com o seu projeto geopolítico, adotando diversas ações, apesar dos entraves norte-americanos a essa nova política de poder (como por exemplo: procurando reduzir a influência russa nas ex-repúblicas da URSS e aumentando a sua; proporcionando a ampliação da OTAN, incluindo países que antes eram área de influência russa, fazendo um cerco geopolítico; aumentando a presença militar na região, com a instalação de novas bases e ampliação das existentes, além da instalação de escudos antimísseis na Europa Central; etc)³³, dentre elas: 1) com a aliança russo-iraniana (considerada um dos fatos geopolíticos mais importantes do pós-Guerra Fria); 2) implementação da Organização de Cooperação de Shangai – OCS - (com Casaquistão, Quirguizistão e Tadjiquistão); 3) cooperação triangular com a China e Índia, para uma política de segurança e defesa, recuperando assim o seu papel de liderança na região – tudo como forma de reduzir a ação e expansão da OTAN e militar americana para a Europa Oriental. (VESENTINI, 2000); 4) criação de uma Força Rápida como parte de um acordo de segurança coletiva com a Armênia, Bielorrússia, Casaquistão, Usbequistão, Quirguistão e Tadjiquistão; 5) disputas diplomáticas sobre Kosovo, Ucrânia, Geórgia e Estônia; 6) a disputa territorial envolvendo a plataforma continental na região do Ártico (visando suas riquezas naturais); 7) ações para o isolamento da Ucrânia dos países que são abastecidos pelo gasoduto russo que corta o seu território;

³² O Eurasianismo: a “nova” Geopolítica russa. Eduardo Silvestre dos Santos - Jornal Defesa & Relações Internacionais (http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html).

³³ A ópera, a guerra e a ressurreição russa (<http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>).

8) acordo com a Bulgária e a Grécia para a construção de oleoduto que concorrerá com os das empresas ocidentais; 9) construção de gasoduto para a China; 10) posicionamento favorável a causa palestina; 11) apoio ao programa nuclear iraniano; 12) retirou-se do Tratado para Forças Convencionais na Europa, podendo usar e deslocar suas forças militares para onde achar necessário na sua fronteira ocidental³⁴; e 13) adotou uma nova doutrina militar que autoriza o uso de armas nucleares em conflitos convencionais e as constantes manobras militares realizadas nas suas regiões de influência.

Essas preocupações visam principalmente o controle das exportações (por meio de oleodutos e gasodutos) de seus recursos energéticos (petróleo e gás natural) para a Europa – em maior quantidade para a Alemanha (com quem fez uma aliança estratégica), além de se aproximar da França, parceiros dos EUA, deles muito dependente – que são a base da economia e da ressurreição russa. Tendo como justificativa o fato de muitos desses dutos passarem em território das ex-repúblicas soviéticas e em regiões autônomas que lutam pela separação, como é o caso da Tchetchênia, onde os EUA exercem e procuram ampliar cada vez mais a sua influência (SANTOS, 2007; MIGUEL, 2008)

Conforme expôs Fiori:

E tudo indica, nesse início do século 21, que está recuperando sua importância estratégica, como maior estado territorial do mundo, o único com capacidade de intervenção por terra, por meio de suas próprias fronteiras, em todo o continente eurasiático. Por isso, é uma rematada bobagem falar da Rússia como uma potência ou uma economia emergente, quando, na verdade, se trata de uma velha e grande potência que está reocupando sua posição tradicional, na Europa, Ásia Central e Oriente Médio. Mas nenhum analista internacional consegue prever os caminhos futuros da nova ressurreição do “espírito russo”, até porque a Rússia sempre foi mais misteriosa e imprevisível do que a União Soviética (FIORI, 2008)³⁵

Com isso verificamos o confronto da Rússia (voltando ao topo como poder terrestre) se contrapondo ao poder marítimo (os EUA), conduzindo sua geopolítica no sentido de, utilizando seus recursos (eurasiáticos) para se fortalecer e caminhar pela Ásia central em direção às águas quentes ou mares abertos, reduzindo a influência dos EUA e, executando o seu projeto geopolítico.

Os vários conceitos Mackinderianos referentes a *Heartland* (regiões-pivô), *Inner Crescent* (Crescente Marginal) e *Outer Crescent* (Crescente Insular), que de forma positiva influenciaram as políticas adotadas pelos Estados Unidos de contenção e alianças, ainda permanecem vivos. Assim como, o de *Midland Ocean*, com o domínio no *Heartland* pela Rússia, readquirindo e intensificando o controle político-militar de países situados na Europa Oriental, ao

³⁴ O regresso da Rússia e a Europa (<http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>> Acesso em : 20Jun2008).

³⁵<http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>

mesmo tempo que o poder dominante do *Midland Ocean*, mantém sua presença militar direta na Europa Ocidental (MELLO, 1999).

Assim, em face das ações e acontecimentos, vê-se a Rússia (*Heartland*) balizada no Eurasianismo (preponderantemente de idéias Mackinderianas) e utilizando do apoio da sua sociedade civil e política e dos seus vastos recursos naturais, tecnológicos e militares, voltando à sua condição de potência expansionista e, construindo e reconquistando velozmente seu lugar de destaque no complexo cenário mundial, ratificando e validando, assim, as concepções teóricas de Mackinder na atualidade.

6 CONCLUSÃO

Desde o seu nascimento, a geopolítica teve como cenário disputas territoriais e de utilização constante da força para o fortalecimento do Estado. A fim de analisar essa cor-relação de forças e permitir a adoção de políticas mais adequadas para cada área geográfica e de interesses, surgiu, desde os primórdios da civilização a preocupação de sábios, filósofos, historiadores, Estadistas, políticos, enfim, de todos os detentores de conhecimento e poder, em identificar a melhor forma de utilização do espaço geográfico em que os povos estavam inseridos para atender satisfatoriamente os seus interesses. Nesse contexto, vieram ordenando uma vasta reflexão normativa sobre a relação política-geográfica, levando, finalmente, ao surgimento, no campo das ciências, da atualmente conhecida geopolítica.

Diversos foram os autores com suas mais variadas teorias sobre essa nova disciplina, formando as correntes do poder terrestre (tendo Mackinder como principal autor) e do poder marítimo (do Alte Mahan), teorias que se tornaram clássicas e estudadas e seguidas por muitos estudiosos do assunto e utilizadas por muitos Estados na consecução de suas políticas.

Dentre as concepções teóricas clássicas, as de Mackinder são consideradas o grande marco teórico da geopolítica clássica e a grande formuladora da teoria geopolítica e geo-estratégica do poder terrestre e, por assim ser, firmou-se como o caminho e o embasamento teórico para a hegemonia do poder terrestre. Constituíram-se numa poderosa ferramenta de análise da política de poder dos Estados, tendo sido amplamente estudadas e reproduzidas posteriormente, além de ter fortemente influenciado a formulação de políticas de Estado, como por exemplo a de alianças e de contenção pelos Estados poderosos que se firmaram.

Um dos Estados considerado o detentor da capacidade natural para obtenção da

hegemonia terrestre foi a Rússia, que mesmo após todos os percalços pós-Gerra Fria reaparece ativa, dessa forma, verifica-se que as ações e acontecimentos que a envolvem na atualidade têm fortes componentes geopolíticos e ratificam a notória e inegável visão de que a mesma tem novos rumos.

A Rússia (*Heartland*) nordestada pelo Eurasianismo (preponderantemente de idéias Mackinderianas), fazendo uso estratégico de suas vastas reservas energéticas, dos poderes tecnológico e militar (tudo capitaneado por Putin) e utilizando do grande apoio do seu povo e da sua classe política, segue ampliando sua área de influência; avançando sobre a Ásia Central; promovendo e impondo alianças; mantendo suas antigas bases militares; fazendo uso ostensivamente de seu poderio militar e bélico (como forma de impor sua vontade), etc, reforçando, assim, suas características expansionistas e a sua intenção de readquirir seu lugar de destaque no cenário geopolítico mundial.

Portanto, baseado nas considerações e análises realizadas por ocasião do desenvolvimento do presente trabalho, e coadunando com o propósito inicialmente elencado, conclui-se que as ações e acontecimentos com enfoques geopolíticos na Rússia na atualidade validam a teoria clássica de Mackinder.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **GEOPOLÍTICA**. Curso de Política, Estratégia e Alta administração do Exército. Rio de Janeiro - RJ: ECEME, 2005b.
- FERNANDES, José Pedro Teixeira. **Da Geopolítica clássica à Geopolítica pós-moderna: entre a ruptura e a continuidade**. 2008. Disponível em: http://www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica.pdf. Acesso em: 20Jun2008.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte - MG: UFMG, 2004. 242 p. (Coleção Aprender).
- FIORI, José Luis. **A ópera, a guerra e a ressurreição russa**. 2008. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>> Acesso em: 20Jun2008.
- GENTÉ, Régis. Geopolítica. **A grande disputa pela Ásia Central**. 2008. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2007-07,a1606>> Acesso em: 20Jun2008.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo - SP: Hucitec, 1999.
- MIGUEL, **O regresso da Rússia e a Europa**. 2008. Disponível em : <http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>> Acesso em : 20Jun2008.
- PECEQUILO, Cristina S. **Introdução às Relações Internacionais**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004.
- RADVANYI, Jean. **As duas faces de Putin**. 2008. Disponível em : <http://diplo.uol.com.br/2007-12,a2064>> Acesso em : 20Jun2008.
- SANTOS, Eduardo Silvestre. **O Eurasianismo: a “nova” Geopolítica russa**. 2008. Disponível em: http://pt.altermedia.info/geral/o-eurasianismo-anova-geopolitica-russa_458.html> Acesso em: 20Jun2008.
- TEIXEIRA, Francisco Carlos. **Os russos estão de volta**. 2008. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br>> Acesso em: 20Jun2008.
- TOSTA, Octávio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro - RJ: Biblioteca do Exército, 1984.
- VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. São Paulo - SP: Contexto, 2000.
- VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **Apontamentos sobre Geopolítica**. Revista Marítima Brasileira, v. 122, nº 07/09. Rio de Janeiro - RJ: Jul/Set. 2002. 50 p.
- WIKIPÉDIA. **Geopolítica**. 2008. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Geopolitica>> Acesso em: 20Jun2008.

ANEXO A

Figura 1



FONT: Knox, p. 391

FIGURA 1 – O mundo segundo Mackinder (1904)

Fonte: Mello, 1999, p. 49

ANEXO B

Figura 2

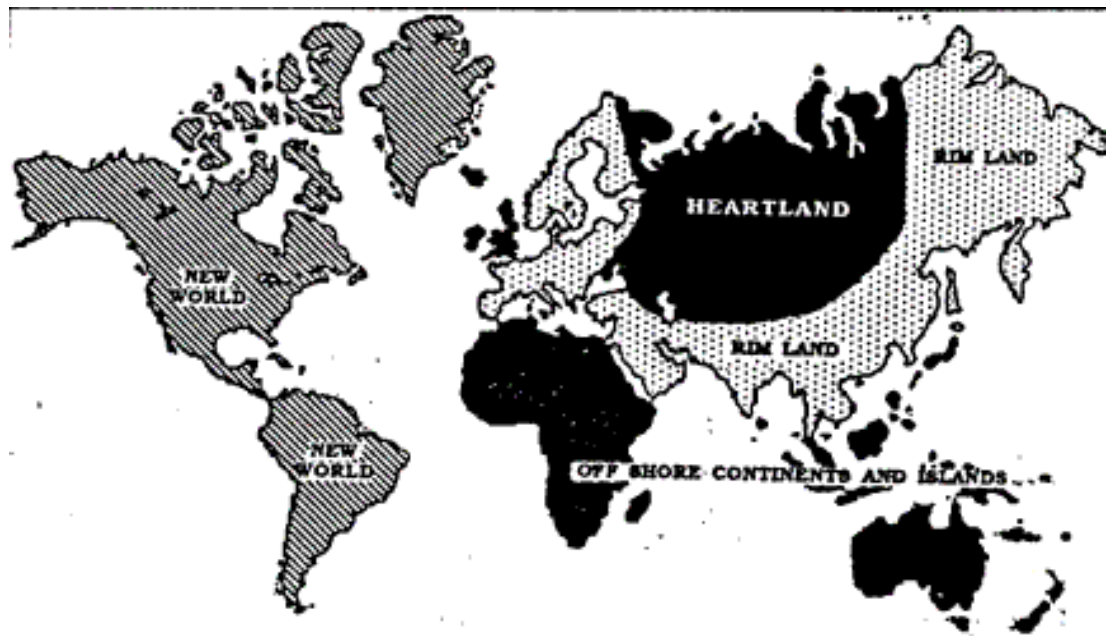


FIGURA 2 – O mundo de Mackinder (1943)

Fonte: Mello, 1999, p. 67

ANEXO C

Figura 3



FIGURA 3 – Mapa político da Ásia

Fonte: Maps Google (2008)